



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 2 - 2025

A Mulher Vestida de Sol: Maria, Símbolo Escatológico da Igreja e Vitória da Graça em Apocalipse 12

Maria Bernadete Miranda
mbernadetemiranda@gmail.com

“Na Mulher do Apocalipse, o amor vence a serpente e a luz de Deus cobre as trevas da história.”

Resumo

O capítulo 12 do Livro do Apocalipse revela, com intensidade simbólica e teológica, o centro espiritual da história da salvação. A visão da Mulher vestida de sol e do Dragão traduz o mistério do bem e do mal, da graça e do pecado, da Igreja peregrina e de Maria glorificada. Este artigo propõe uma leitura integral de Apocalipse 12, 1.5.13.15–16a, unindo análise teológica, simbólica e mariológica, à luz da Tradição e do Magistério da Igreja. A Mulher é contemplada como figura escatológica da Igreja e da humanidade fiel, mas sobretudo como Maria, Mãe do Redentor e Mãe da Igreja, ícone da vitória da graça e da fidelidade perfeita. A reflexão é sustentada pela Sagrada Escritura, pelos documentos do Magistério (em especial *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Verbum Domini*, *Marialis Cultus* e *Redemptoris Mater*) e pelos Santos Padres. Assim, a Mulher vestida de sol se manifesta como o sinal grandioso do amor de Deus que, através da humildade da Mãe de Cristo, vence o Dragão e introduz a criação na glória escatológica.

Abstract

Chapter 12 of the Book of Revelation reveals, with symbolic and theological intensity, the spiritual center of salvation history. The vision of the Woman clothed with the sun and the Dragon conveys the mystery of good and evil, grace and sin, the pilgrim Church, and the glorified Mary. This article proposes a comprehensive reading of Revelation 12:1.5.13.15–16a, combining theological, symbolic, and Mariological analyses in light of the Tradition and the Magisterium of the Church. The Woman is contemplated as an eschatological figure of the Church and of faithful humanity, but above all as Mary, Mother of the Redeemer and Mother of the Church, an icon of the victory of grace and perfect fidelity. This reflection is supported by Sacred Scripture, the documents of the Magisterium (especially *Lumen Gentium*, *Dei Verbum*, *Verbum Domini*, *Marialis Cultus*, and *Redemptoris Mater*), and the Holy Fathers. Thus, the Woman clothed with the sun manifests herself as the grand sign of God's love who, through the humility of the Mother of Christ, defeats the Dragon and introduces creation into eschatological glory.



1 – Introdução

O Livro do Apocalipse, última obra do cânon sagrado, encerra a história da revelação com uma linguagem de símbolos e visões. Longe de ser um livro de terror ou destruição, o Apocalipse é o livro da esperança — a revelação do triunfo do Cordeiro e da vitória da graça. No centro dessa teologia simbólica está a visão da Mulher vestida de sol, coroada de estrelas e perseguida pelo Dragão (Ap 12,1–16).

A imagem da Mulher representa o ápice da teologia da história. Nela, a Igreja reconhece a si mesma e, mais profundamente, contempla Maria Santíssima, em quem se realiza a plenitude da graça e a vitória do amor divino sobre o pecado (Lumen Gentium, §68). A Mulher não é apenas personagem mística: é o ícone escatológico do plano de Deus, o sinal da fidelidade e o reflexo da luz divina que vence as trevas do mundo.

Este estudo propõe uma leitura integral e contemplativa de Apocalipse 12, 1.5.13.15–16a, unindo análise histórico-literária e teológica. A Mulher vestida de sol será examinada em sua tripla dimensão: como figura de Maria, como imagem da Igreja e como arquétipo da humanidade fiel. O enfoque principal recairá sobre Maria como mulher escatológica e vitoriosa — aquela em quem a graça de Deus revela seu poder salvador no tempo e na eternidade.

2 - O Contexto Histórico e Simbólico do Apocalipse

O Apocalipse foi escrito no fim do século I, durante a perseguição do imperador Domiciano. São João, exilado na ilha de Patmos, dirige-se a comunidades cristãs perseguidas, oferecendo uma mensagem de consolo e esperança. Sua linguagem é simbólica, inspirada nos profetas (Daniel, Ezequiel, Isaías), e revela uma visão da história como combate entre o bem e o mal, cujo desfecho pertence a Deus (Dei Verbum, §12).

O capítulo 12 constitui o coração do livro. É uma espécie de evangelho dentro do Apocalipse, pois apresenta o nascimento do Messias, a perseguição do Dragão e a proteção divina sobre a Mulher. Essa tríade sintetiza todo o mistério da salvação: a Encarnação, a Redenção e a glorificação final.

São Tomás de Aquino ensina que *“os símbolos do Apocalipse velam e revelam, pois a luz divina é demasiadamente intensa para ser vista diretamente”* (Summa Theologica, I, q.1, a.9). Assim, cada imagem da Mulher — o sol, a lua, as estrelas, o deserto, o Dragão e o rio — é um véu luminoso, um espelho do mistério eterno manifestado no tempo.

3 – A Mulher Vestida de Sol: Maria na Plenitude da Graça

O versículo inaugural declara: *“Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”* (Ap 12,1).



O “grande sinal” (semeion mega) indica uma manifestação divina que transcende o tempo. O “céu” não é apenas o espaço sideral, mas o domínio espiritual onde se cumpre o plano de Deus. A Mulher vestida de sol é, portanto, a expressão da glória divina refletida numa criatura — a plenitude da graça em Maria (Lc 1,28).

São Bernardo de Claraval comenta que *“Maria é vestida de sol porque é revestida do próprio Cristo, Sol de Justiça”* (Homilia super Missus est). A luz que a envolve é a irradiação do Verbo que nela se encarnou. A lua sob os pés simboliza a vitória sobre a mutabilidade e a inconstância do mundo, enquanto a coroa de doze estrelas representa a plenitude do Povo de Deus — as doze tribos e os doze apóstolos — unificados na maternidade espiritual de Maria (Catecismo da Igreja Católica, §1138).

Maria é o templo da graça, o espaço onde Deus habita. Sua figura celestial no Apocalipse reflete o mistério da Assunção: *“Elevada ao céu em corpo e alma, Maria é exaltada pelo Senhor como Rainha do universo”* (Pio XII, Munificentissimus Deus, 1950). Nela, a Igreja contempla antecipadamente o destino glorioso que a aguarda.

4 - A Maternidade Messianica: O Filho e o Dragão

O versículo 5 prossegue: *“Ela deu à luz um Filho, um varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro, e seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e do seu trono.”* A referência ao Salmo 2,9 indica o cumprimento da promessa messiânica: o Filho é Cristo, o Rei das nações.

O nascimento do Filho no Apocalipse é uma leitura simbólica da Encarnação e da vitória pascal. O Dragão — *“a antiga serpente, chamada diabo e Satanás”* (Ap 12,9) — representa o poder do mal que tenta frustrar o plano divino desde Gênesis 3. O Apocalipse mostra a continuidade desse combate, agora travado na dimensão espiritual da história.

Maria está no centro desse mistério. Em sua maternidade divina se manifesta o início da derrota do mal. *“Desde o fiat da Anunciação, a mulher participa da luta contra a serpente”* (João Paulo II, Redemptoris Mater, §24). A mulher que dá à luz é, portanto, a mesma que está aos pés da cruz e que aparece gloriosa no Apocalipse: Maria, mãe do Cristo e mãe dos redimidos.

5. O Deserto e a Igreja Peregrina

Após o arrebatamento do Filho, *“a mulher fugiu para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um lugar”* (Ap 12,6). O deserto é símbolo ambíguo: lugar de provação, mas também de encontro com Deus. No Antigo Testamento, o deserto foi o espaço da purificação e da aliança.



Santo Agostinho interpreta essa passagem dizendo: *“O deserto é o tempo da Igreja, peregrina entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus”* (De Civitate Dei, XVIII,51). Maria, figura da Igreja, é conduzida pela Providência mesmo quando parece abandonada.

O deserto é o lugar da fé. Na escatologia cristã, representa o tempo presente — entre a Ascensão e a Parusia — em que a Igreja, como Maria, confia silenciosamente em Deus. *“A Mulher, sustentada pelas asas da grande águia”* (Ap 12,14), é imagem da proteção divina. São Gregório Magno vê nas asas *“a contemplação e a ação”* (Moralia in Job, XXXII), as duas forças que sustentam a vida da Igreja.

6 - O Dragão Perseguindo a Mulher: O Mistério da Oposição

O versículo 13 mostra o Dragão perseguindo a Mulher após ser precipitado na terra. Essa perseguição é constante na história da Igreja e na vida dos santos. É o ódio da serpente contra a descendência da Mulher (Gn 3,15).

O Apocalipse retoma a profecia do Gênesis e a cumpre plenamente. A “inimizade” estabelecida por Deus entre a mulher e a serpente atinge sua plenitude em Maria Imaculada. Ela é a mulher totalmente fiel, na qual o pecado não tem poder. *“Nela, a vitória de Cristo sobre o mal se manifesta de modo perfeito”* (Catecismo da Igreja Católica, §2853).

Quando o Dragão é lançado na terra, significa que o mal é vencido no céu — ou seja, na dimensão divina da história —, mas continua a agir no mundo. Maria, como figura da Igreja, continua a luta, sustentando os fiéis com sua intercessão. *“Assim como Maria acompanhou Cristo na cruz, ela acompanha a Igreja na tribulação”* (Bento XVI, Verbum Domini, §27).

7 - As Águas do Dragão e a Terra que Socorre a Mulher

Nos versículos 15–16a, o Dragão lança da boca um rio de águas para submergir a Mulher. As águas representam, na simbologia bíblica, o caos e as forças hostis à vida (Sl 18,5). São Gregório Magno interpreta o rio como *“as doutrinas falsas e as perseguições que tentam arrastar a Igreja”* (Moralia in Job, XXXIII).

Mas a terra vem em socorro da Mulher, engolindo o rio. Esse gesto da criação simboliza a vitória da Providência sobre o mal. O cosmos, longe de ser neutro, participa da redenção. *“Toda a criação geme em dores de parto, esperando a manifestação dos filhos de Deus”* (Rm 8,22).

Em leitura mariológica, a terra que socorre a Mulher é figura da Imaculada Conceição. Maria foi preservada do mal pela graça proveniente de Deus. Assim como a terra pura acolheu o corpo de Cristo, Maria é a terra nova que acolhe o Verbo sem mancha. *“A Mulher vestida de sol é a Imaculada, na qual o Dragão nada pôde”* (Paulo VI, Marialis Cultus, §57).



8 - A Mulher e a Dimensão Escatológica da História

A Mulher do Apocalipse é o grande ícone escatológico da esperança. Em Maria, o futuro da Igreja já se cumpre. *“Elevada à glória celeste, Maria resplandece como sinal seguro de esperança e consolação para o povo de Deus ainda peregrino”* (Lumen Gentium, §68).

A escatologia cristã não é mera expectativa do fim, mas a certeza da vitória da graça. Em Maria, a humanidade já alcançou sua plenitude. Ela é o primeiro fruto da redenção, a aurora do novo céu e da nova terra.

São Luís Maria Grignion de Montfort declara: *“Maria é o eco de Deus: se dizes ‘Maria’, ela responde ‘Deus’”* (Tratado da Verdadeira Devoção, n. 225). O Apocalipse 12 é, portanto, uma revelação de amor trinitário: o Pai gera o Filho na eternidade, o Filho nasce da Mulher no tempo, e o Espírito Santo envolve tudo em luz.

9 - Maria, Mãe da Igreja e Mulher Fiel

A mulher fiel do Apocalipse é também a mãe espiritual dos redimidos. *“O Dragão irritou-se contra a Mulher e foi fazer guerra ao resto de sua descendência, aos que guardam os mandamentos de Deus”* (Ap 12,17). A descendência da Mulher são os cristãos, filhos da graça.

Maria, portanto, não é apenas personagem do passado, mas presença materna no hoje da Igreja. João Paulo II recorda: *“A maternidade de Maria perdura na Igreja, que continua a gerar filhos para Deus”* (Redemptoris Mater, §44).

Em cada fiel que resiste ao mal, a Mulher vestida de sol triunfa novamente. Sua luz é a vitória da fé sobre a dúvida, da esperança sobre o desespero, do amor sobre o ódio. O Apocalipse nos revela que a história é o campo da maternidade espiritual de Maria, até que o Cristo seja plenamente formado nos corações (Gl 4,19).

10 – Conclusões

Apocalipse 12 é uma síntese luminosa da história da salvação. A Mulher vestida de sol representa Maria em sua plenitude gloriosa e, ao mesmo tempo, a Igreja fiel e a humanidade redimida. Os símbolos — o sol, a lua, as estrelas, o deserto, o rio e a terra — compõem um mosaico teológico da vitória da graça.

Em Maria, contemplamos o destino final da Igreja: ser revestida de luz, coroada de glória e livre do mal. A Mulher do Apocalipse é, assim, o grande sinal da esperança cristã. O Dragão continua a lutar, mas já está derrotado; a Mulher, sustentada por Deus, permanece vitoriosa.



Como afirma Santo Agostinho, “*a Cidade de Deus vence não pela força, mas pela fidelidade*” (De Civitate Dei, XIX, 8). A Mulher vestida de sol é o rosto dessa fidelidade. Sua presença no céu é promessa e profecia: o amor de Deus triunfará, e Maria, Mãe da Igreja, permanecerá como sinal luminoso da vitória da graça na eternidade.

11 – Referências Bibliográfica

AQUINO, São Tomás de. *Summa Theologica*. Disponível em: <https://www.newadvent.org/summa/3026.htm> Acesso em: 10/10/2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2010.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola. 2000.

CLARAVAL, São Bernardo de. *Homilia super Missus est*.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium (Dogmatic Constitution on the Church)*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19641121_lumen-gentium_po.html Acesso em: 05/10/2025.

_____. *Dei Verbum. Sobre a revelação divina*. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html Acesso em: 12/10/2025.

HIPONA, Santo Agostinho de. *A Cidade de Deus*. Disponível em: <http://www.centroculturalcampogrande.pt/pdfs/a.cidade.de.deus.parte2.pdf> Acesso em: 12/10/2025.

MAGNO, São Gregório. *Moralia in Job*. Campinas S/P. Sacro Elóqui. 2020.

MONTFORT. São Luís Maria Grignon de. *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*. Rio Bonito S/P: Verbo Encarnado. 2022.

MONTINI, Giovanni Battista Enrico Antonio (PAPA PAULO VI). *Marialis Cultus* (1974). Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19740202_marialis-cultus.html Acesso em: 12/10/2025.

PACELLI, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni (PAPA PIO XII). *Munificentissimus Deus* (1950). Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/apost_constitutions/documents/hf_p-xii_apc_19501101_munificentissimus-deus.html Acesso em: 15/10/2025.

RATZINGER, Joseph. (PAPA BENTO XVI). *Verbum domini*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html Acesso em: 02/10/2025.

WOJTYLA, Karol Józef (SÃO JOÃO PAULO II). *Redemptores Mater*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.html Acesso em: 12/10/2025.



Peregrino da Esperança